



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Gil Vicente
Auto da Feira



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Auto da Feira

Gil Vicente

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Do ano de 1527.

Livro Digital nº 623 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Gil Vicente

(1465/1466 – 1536/1540)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AUTO DA FEIRA



A obra seguinte é chamada "Auto da Feira". Foi representada ao mui excelente Príncipe El-Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, às matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.

FIGURAS:

MERCÚRIO

TEMPO

SERAFIM

DIABO

ROMA

AMÂNCIO VAZ

DINIZ LOURENÇO

BRANCA ANES

MARTA DIAS

TESAURA

JULIANA

DOROTÉIA

MONECA

GILBERTO

NABOR

MATEUS

JUSTINA

VICENTE

LEONARDA

MERENCIANA

TEODORA

GIRALDA

(Entra primeiramente Mercúrio, e posto em seu assento, diz)

MERCÚRIO

Pera que me conheçais,

e entendais meus partidos,
todos quantos aqui estais
afinai bem os sentidos,
mais que nunca, muito mais.

Eu sou estrela do céu,
e depois vos direi qual,
e quem me cá descendeu
e a quê, e todo o al
que me a mi aconteceu.

E porque a astronomia
anda agora mui maneira,
mal sabida e lisonjeira,
eu, à honra deste dia,
vos direi a verdadeira.

Muitos presumem saber
as operações dos céus,
E que morte hão de morrer,
E o que há de acontecer
aos anjos e a Deus.

E ao mundo e ao diabo.
E que o sabem têm por fé;
e eles todos em cabo
terão um cão polo rabo,
e não sabem cujo é.

E cada um sabe o que monta
nas estrelas que olhou;
e ao moço que mandou,
não lhe sabe tomar conta
dum vintém que lhe entregou.

Porém, quero-vos pregar,
sem mentiras nem cautelas,

o que per curso de estrelas
se poderá adivinhar,
pois no céu nasci com elas.

E se Francisco de Melo,
que sabe ciência avondo,
diz que o céu é redondo,
e o sol sobre amarelo;
diz verdade, não lho escondo.

Que se o céu fora quadrado,
não fora redondo, senhor.
E se o sol fora azulado,
de azul fora a sua cor
e não fora assi dourado.

E porque está governado
per seus cursos naturais,
neste mundo onde morais
nenhum homem aleijado,
se for manco e corcovado,
não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes
vos trazem tão compassados,
que todos quantos nascestes,
se nascestes e crescestes,
primeiro fostes gerados.

E que fazem os poderes
dos sinos resplandecentes?
Que fazem que todalas gentes
ou são homens ou mulheres,
ou crianças inocentes.

E porque Saturno a nenhum
influi vida contina,

a morte de cada um
é aquela de que se fina,
e não doutro mal nenhum.

Outrossim o terremoto,
que às vezes causa perigo,
faz fazer ao morto voto
de não bulir mais consigo,
cantar de seu moto próprio.

E a claridade encendida
dos raios piramidais
causa sempre nesta vida
que quando a vista é perdida,
os olhos são por demais.

E que mais quereis saber
desses temporais e disso,
senão que, se quer chover,
está o céu pera isso,
e a terra pera a receber?

A lua tem este jeito:
vê que clérigos e frades
já não têm ao Céu respeito,
míngua-lhes as santidades,
e cresce-lhes o proveito.

*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicae,
secundum Joanes Montereio:*

Mars, planeta dos soldados,
faz nas guerras conteúdas,
em que os reis são ocupados,
que morrem de homens barbados
mais que mulheres barbudas.

E quando Vênus declina,
e retrógada em seu cargo,
não se paga o desembargo
no dia que se ele assina
mas antes por tempo largo.

*Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer Capricornius positus in
firmamento coeli:*

E quanto ao Touro e Carneiro,
são tão maus de haver agora
que quando os põe no madeiro,
chama o povo ao carniceiro
Senhor, com os barretes fora.

Depois do povo agravado,
que já mais fazer não pode,
invoca o signo do Bode,
Capricórnio chamado,
porque Libra não lhe acode.

E se este não hás tomado,
nem Touro, Carneiro assi,
vai-te ao sino do Pescado,
chamado *Piscis* em latim,
e serás remediado:

e se *Piscis* não tem ensejo,
porque pode não no haver,
vai-te ao signo do Cranguejo,
Signum Cancer, Ribatejo,
que está ali a quem no quer.

Sequuntur mirabilia Jupiter Rex regum, Dominus dominantium.

Júpiter, rei das estrelas,
deus das pedras preciosas,

mui mais precioso que elas
pintor de todas as rosas,
rosa mais fermosa delas.

É tão alto seu reinado,
influência e senhoria,
que faz percurso ordenado
que tanto vale um cruzado
de noite como de dia.

E faz que uma nau veleira
mui forte, muito segura,
que inda que o mar não queira,
e seja de cedro a madeira,
não preste sem pregadura.

Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.

No Zodíaco acharão
doze moradas palhaças,
onde os sinos estão
no Inverno e no Verão,
dando a Deus infindas graças.

Escutai bem, não durmais,
sabereis por conjeituras
que os corpos celestiais
não são menos nem são mais
que suas mesmas granduras.

E os que se desvelaram,
se das estrelas souberam,
foi que a estrela que olharam,
está onde a puseram,
e faz o que lhe mandaram.

E cuidam que Ursa Maior,
Ursa Menor e o Dragão,
e *Lepus*, que têm paixão,
porque um corregedor
manda enforcar um ladrão?

Não, porque as constelações
não alcançam mais poderes,
que fazer que os ladrões
sejam filhos de mulheres,
e os mesmos pais varões.

E aqui quero acabar.
E pois vos disse até aqui
o que se pode alcançar,
quero-vos dizer de mi,
e o que venho buscar.

Eu são Mercúrio, senhor
de muitas sabedorias,
e das moedas reitor,
e deus das mercadorias:
nestas tenho meu vigor.

Todos tratos e contratos,
valias, preços, avenças,
carestias e baratos,
ministro suas pertenças,
até às compras dos sapatos.

E porquanto nunca vi
na corte de Portugal
feira em dia de Natal,
ordeno uma feira aqui
pera todos em geral.

Faço mercador-mor

ao Tempo, que aqui vem;
e assi o hei por bem.
E não falte comprador.
Porque o tempo tudo tem.

(Entra o Tempo, e arma uma tenda com muitas cousas e diz)

TEMPO

Em nome daquele que rege nas praças
de Anvers e Medina as feiras que têm,
começa-se a feira chamada das Graças,
à honra da Virgem parida em Belém.

Quem quiser feirar,
venha trocar, que eu não hei de vender;
todas virtudes que houverem mister
nesta minha tenda as podem achar,
a troco de cousas que hão de trazer.

Todos remédios, especialmente
contra fortunas ou adversidades
aqui se vendem na tenda presente;
conselhos maduros de sãs qualidades.

Aqui se acharão
a mercadoria de amor a razão
justiça e verdade, a paz desejada,
porque a Cristandade é toda gastada
só em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deus,
que é já perdido em todos Estados;
aqui achareis as chaves dos Céus,
muito bem guarnecidas em cordões dourados.

E mais achareis
soma de contas, todas de contar

quão poucos e poucos haveis de lograr
as feiras mundanas; e mais contareis
as contas sem conto que estão por contar.

E porque as virtudes, Senhor Deus, que digo,
se foram perdendo de dias em dias,
com a vontade que deste ó Messias
memoria o teu Anjo que ande comigo.
Senhor, porque temo
ser esta feira de maus compradores,
porque agora os mais sabedores
fazem as compras na feira do Demo,
e os mesmos Diabos são seus corretores.

(Entra um Serafim enviado por Deus a petição do Tempo, e diz)

SERAFIM

À feira, a feira igrejas, mosteiros,
pastores das almas, Papas adormidos;
comprai aqui panos, mudai os vestidos,
buscai as samarras dos outros primeiros,
os antecessores.

Feirai o carão que trazeis dourado;
ó presidentes do crucificado,
lembrai-vos da vida dos santos pastores
do tempo passado.

Ó Príncipes altos, império facundo,
guardai-vos da ira do Senhor dos Céus;
comprai grande soma do temor de Deus
na feira da Virgem, Senhora do Mundo,
exemplo da paz,
pastora dos anjos, luz das estrelas.
À feira da Virgem, donas e donzelas,
porque este mercador sabe que aqui traz
as cousas mais belas.

(Entra um Diabo com uma tendinha adiante de si, como bofalinheiro, e diz)

DIABO

Eu bem me posso gabar,
e cada vez que quiser,
que na feira onde eu entrar
sempre tenho que vender,
e acho quem me comprar.

E mais, vendo muito bem,
porque sei bem o que entendo;
e de tudo quanto vendo
não pago sisa a ninguém
por tratos que ande fazendo.

Quero-me fazer à vela
nesta santa feira nova.
Verei os que vêm a ela,
e mais verei quem me estorva
de ser eu o maior dela.

TEMPO

És tu também mercador,
que a tal feira te ofereces?

DIABO

Eu não sei se me conheces.

TEMPO

Falando com salvanor,
tu Diabo me pareces.

DIABO

Falando com salvos rabos
inda que me tens por vil,
acharás homens cem mil
honrados, que são Diabos,

(que eu não tenho nem ceitil)

e bem honrados te digo,
e homens de muita renda,
que têm dívida comigo.
Pois não me tolhas a venda,
que não hei nada contigo.

TEMPO (*ao Serafim*)

Senhor, em toda maneira

acudi a este ladrão,
que há de danar a feira.

DIABO

Ladrão? Pois haja eu perdão,
se vos meter em canseira.
Olhai cá, Anjo de bem,
eu, como cousa perdida,
nunca me tolhe ninguém
que não ganhe minha vida,
como quem vida não tem.

Vendo dessa marmelada,
e às vezes grãos torrados,
isto não releva nada;
e em todos os mercados
entra a minha quintalada.

SERAFIM

Muito bem sabemos nós
que vendes tu cousas vis.

DIABO

I há de homens ruins
mais mil vezes que não bôis,
como vós mui bem sentis.

E estes hão de
comprar disto que
trago a vender, que
são artes de enganar,
e cousas pera
esquecer
o que deviam
lembrar.

Que o sages
mercador há de
levar ao mercado
o que lhe compram melhor;
porque a ruim comprador
levar-lhe ruim bocado.

E mais as boas pessoas
são todas pobres a eito;
e eu por este respeito
nunca trato em cousas boas,
porque não trazem proveito.

Toda a glória de viver
das gentes é ter dinheiro,
e quem muito quiser ter
cumpre-lhe de ser primeiro
o mais ruim que puder.

E pois são desta maneira
os contratos dos mortais,
não me lanceis vós da feira
onde eu hei de vender mais
que todos à derradeira.

SERAFIM
Venderás muito perigo,

que tens nas trevas escuras.

DIABO

Eu vendo perfumaduras,
que, pondo-as no embigo,
se salvam as criaturas.

Às vezes vendo virotes,
e trago de Andaluzia
naipes com que os sacerdotes
arreneguem cada dia,
e joguem até os pelotes.

SERAFIM

Não venderás tu aqui isso,
que esta feira é dos céus:
vai lá vender ao abisso,
logo, da parte de Deus!

DIABO

Senhor, apelo eu disso.

Se eu fosse tão mau rapaz
que fizesse força a alguém,
era isso muito bem;
mas cada um veja o que faz,
porque eu não forço ninguém.

Se me vem comprar qualquer
clérigo, ou leigo, ou frade
falsas manhas de viver,
muito por sua vontade;
senhor, que lhe hei de fazer?

E se o que quer bispar
há mister hipocrisia
e com ela quer caçar,

tendo eu tanta em perfia,
porque lha hei de negar?

E se uma doce freira
vem à feira
por comprar um inguento,
com que voe do convento,
senhor, inda que eu não queira,
lhe hei de dar aviamento.

MERCÚRIO

Alto, Tempo, aparelhar,
porque Roma vem à feira.

DIABO

Quero-me eu concertar,
porque lhe sei a maneira
de seu vender e comprar.

(Entra Roma, cantando)

ROMA

“Sobre mi armavam guerra;
ver quero eu quem a mi leva.
Três amigos que eu havia,
sobre mi armam porfia;
ver quero eu quem a mi leva”.

(Fala)

Vejamos se nesta feira,
que Mercúrio aqui faz,
acharei a vender paz,
que me livre da canseira
em que a fortuna me traz.

Se os meus me desbaratam,

o meu socorro onde está
Se os Cristãos mesmos me matam,
a vida quem ma dará,
que todos me desacatam?

Pois se eu aqui não achar
a paz firme e de verdade
na santa feira a comprar,
quanto a mi dá-me a vontade
que mourisco hei de falar.

DIABO

Senhora, se vos prouver,
eu vos darei bom recado.

ROMA

Não pareces tu azado
pera trazer a vender
o que eu trago no cuidado.

DIABO

Não julgueis vós pola cor,
porque em al vai o engano;
cá dizem que sob mau pano
está o bom bebedor;
nem vós digais mal do ano.

ROMA

Eu venho à feira direita
comprar paz, verdade e fé.

DIABO

A verdade pera quê?
Cousa que não aproveita,
e aborrece, pera que é?

Não trazeis bons fundamentos

pera o que haveis mister;
e a segundo são os tempos,
assim hão de ser os tentos,
pera saberdes viver.

E pois agora à verdade
chamam Maria Peçonha,
e parvoíce à vergonha,
e aviso à ruindade,
peitai a quem vo-la ponha.

A ruindade digo eu:
e aconselho-vos mui bem,
porque quem bondade tem
nunca o mundo será seu,
e mil canseiras lhe vem.

Vender-vos-ei nesta feira
mentiras vinte três mil,
todas de nova maneira,
cada uma tão subtil,
que não vivais em canseira.

Mentiras pera senhores,
mentiras pera senhoras,
mentiras pera os amores,
mentiras, que a todas as horas
vos nasçam delas favores.

E como formos avindos
nos preços disto que digo,
vender-vos-ei como amigo
muitos enganos infindos,
que aqui trago comigo.

ROMA

Tudo isso tu vendias,

e tudo isso feirei
tanto, que inda venderei,
e outras sujas mercancias,
que por meu mal te comprei.

Porque a troco do amor
de Deus, te comprei mentira,
e a troco do temor
que tinha da sua ira,
me deste o seu desamor.

E a troco da fama minha
e santas prosperidades,
me deste mil torpidades;
e quantas virtudes tinha
te troquei polas maldades.

E pois já sei o teu jeito,
quero ir ver que vai cá.

DIABO

As cousas que vendem lá
são de bem pouco proveito
a quem quer que as comprará.

(Vai-se Roma ao Tempo e Mercúrio e diz Roma)

ROMA

Tão honrados mercadores
não podem leixar de ter
cousas de grandes primores;
e quanto eu houver mister
deveis vós de ter, senhores.

SERAFIM

Sinal é de boa feira
virem a ela as donas tais,

e pois vós sois a primeira,
queremos ver que feirais
segundo vossa maneira.

Cá, se vós a paz quereis
senhora, sereis servida,
e logo a levareis
a troco de santa vida;
mas não sei se a trazeis.

Porque, senhora eu me fundo
que quem tem guerra com Deus,
não pode ter paz com o mundo ;
porque tudo vem dos céus,
daquele poder profundo.

ROMA

A troco das estações
não fareis algum partido,
e a troco dos perdões,
que é tesouro concedido
pera quaisquer remissões?

Oh, vendei-me a paz dos céus,
pois tenho o poder na terra.

SERAFIM

Senhora, a quem Deus dá guerra,
grande guerra faz a Deus,
que é certo que Deus não erra.

Vede vós que lhe fazeis,
vede como o estimais,
vede bem se o temeis ;
atentai com quem lidais,
que temo que caireis.

ROMA

Assi que a paz não se dá
a troco de jubileus?

MERCÚRIO

Ó Roma, sempre vi lá
que matas pecados cá,
e leixas viver os teus.

Tu não te corras de mi;
mas com teu poder facundo
assolves a todo o mundo,
e não te lembras de ti,
nem vês que te vás ao fundo.

ROMA

Ó Mercúrio, valei-me ora,
que vejo maus aparelhos.

MERCÚRIO

Dá-lhe, Tempo, a essa senhora
o cofre de meus conselhos:
e podes-te ir muito embora.

Um espelho aí acharás,
que foi da Virgem Sagrada,
com ele te toucarás
porque vives mal tocada,
e não sentes como estás.

E acharás a maneira
como emendes a vida:
e não digas mal da feira;
porque tu serás perdida,
se não mudas a carreira.

Não culpes aos reis do mundo,

que tudo te vem de cima,
pelo que fazes cá em fundo:
que, ofendendo a causa prima,
se resulta o mal segundo.

E também o digo a vós
e a qualquer meu amigo,
quem não quer guerra consigo:
tenha sempre paz com Deus,
e não temerá perigo.

DIABO

Prepósito Frei Sueiro,
diz lá o exemplo velho:
dá-me tu a mi dinheiro,
e dá ao demo o conselho.

(Depois de ida Roma, entram dous lavradores, um per nome Amâncio Vaz e outro Diniz Lourenço, e diz Amâncio Vaz)

AMÂNCIO VAZ

Compadre, vás tu à feira?

DINIZ LOURENÇO

À feira, compadre.

AMÂNCIO VAZ

Assi,
ora vamos eu e ti
ó longo desta ribeira.

DINIZ LOURENÇO

Bofá, vamos.

AMÂNCIO VAZ

Folgo bem
de te vir aqui achar.

DINIZ LOURENÇO

Vás tu lá buscar alguém,
ou esperas de comprar?

AMÂNCIO VAZ

Isso te quero contar,
e iremos patorneando,
e er também aguardando
polas moças do lugar.

Compadre, minha mulher
é muito
destemperada,
e agora, se Deus
quiser, faço conta de
a vender, e dá-la-ei
por quase nada.

Que eu quando casei com ela
diziam-me: “Hétega é”.
E eu cuidei pola abofé
que mais cedo morresse ela,
e ela anda inda em pé.

E porque era hétega assim
foi o que me a mim danou:
avonda que ela engordou
e fez-me hétego a mim.

DINIZ LOURENÇO

Tens boa mulher de teu:
não sei que tu hás, amigo.

AMÂNCIO VAZ

Se ela casara contigo
renegaras tu como eu

e dixeras o que eu digo.

DINIZ LOURENÇO

Pois, compadre, quanto à minha,
É tão mole e desatada,
que nunca dá peneirada
que não derrame a farinha.

E não põe cousa a guardar,
que a tope quando a cata;
e por mais que homem se mata,
de birra não quer falar.

Trás de uma pulga andar
três dias, e oito, e dez,
sem lhe lembrar o que fez,
nem tão pouco o que fará.

Pera que te hei de falar?
Quando ontem cheguei do mato
pôs uma enguia a assar,
e crua a deixou levar,
por não dizer sape a um gato.

Quanto a mansa, mansa é ela;
dê-me logo conta disso.

AMÂNCIO VAZ

Juro-te eu que mais vale isso
cinquenta vezes que ela.

A minha te digo eu
que se a visses assanhada,
parece demoninhada,
ante São Bertolameu.

DINIZ LOURENÇO

Já sequer terá espírito:
mas renega da mulher
que ó tempo do mister
não é cabra nem cabrito.

AMÂNCIO VAZ

A minha tinha eu em guarda
pera bem da minha prol,
cuidando que era urinol,
E tornou-se-me bombarda.

Folga tu que essa outra tenhas
porque a minha é tal perigo,
que por nada que lhe digo
logo me salta nas grenhas.

Então tanto punho seco
me chimpa nestes focinhos;
eu chamo polos vizinhos,
e ela nego dar-me em xeco.

DINIZ LOURENÇO

Isso é de coraçuda;
não cures de a vender,
que se alguém te mal fizer,
já sequer tens quem te acuda.

Mas a minha é tão cortês,
que se viesse ora à mão
que me espancasse um rascão,
não diria: “mal fazes”.

Mas antes se assentaria
a olhar como eu bradava.
Todavia a mulher brava
é, compadre, a que eu queria.

AMÂNCIO VAZ

Pardeus! Tanto me farás
que feire a minha contigo.

DINIZ LOURENÇO

Se queres feirar comigo,
vejamos que me darás.

AMÂNCIO VAZ

Mas antes me há de tornar
pois te dou mulher tão forte,
que te castigue de sorte
que não ouses de falar,
nem no mato nem na corte.

Outro bem terás com ela:
quando vieres da arada,
comerás sardinha assada,
porque ela jenta a panela.

Então geme, pardeus, si,
diz que lhe dói a moleira.

DINIZ LOURENÇO

Eu faria per maneira
que esperasse ela por mi.

AMÂNCIO VAZ

Que lhe havias de fazer?

DINIZ LOURENÇO

Amâncio Vaz, eu o sei bem.

AMÂNCIO VAZ

Diniz Lourenço, ei-las cá vêm!
Vamo-nos nós esconder,
vejamos que vêm catar,

que elas ambas vêm à feira.
Mete-te nessa silveira,
que eu daqui hei de espreitar.

(Vêm Branca Anes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava)

BRANCA ANES

Pois casei má hora, e nela,
e com tal marido, prima,
comprarei cá uma gamela,
para o ter debaixo dela,
e um grão penedo em cima.

Porque vai-se-me às figueiras,
e come verde e maduro ;
e quantas uvas penduro
jeita nas gorgomileiras:
parece negro monturo.

Vai-se-me às ameixieiras
antes que sejam maduras,
ele quebra as cerejeiras,
ele vindima as parreiras,
e não sei que faz das uvas.

Ele não vai à lavrada,
ele todo o dia come,
ele toda a noite dorme,
ele não faz nunca nada,
e sempre me diz que há fome.

Jesu! Jesu! Posso-te dizer
e jurar e tresjurar,
e provar e reprovar,
e andar e revolver,
que é melhor pera beber,
que não pera maridar.

O demo que o fez marido,
que assim seco como é
beberá a torre da Sé!
Então arma um arruído
assi debaixo do pé.

MARTA DIAS
Pois bom homem parece ele.

DINIZ LOURENÇO
Aquela é a minha frouxa.

MARTA DIAS
Deu-te ele a fraldinha roxa?

BRANCA ANES
Melhor lhe esfole eu a pele.
que homem há i da puxa.

Ó diabo que o eu dou,
que o leve em fatiota,
e o ladrão que mo gabou;
e o frade que me casou
inda o veja na picota.

E rogo à Virgem da Estrela,
e a santa Jerjalém,
e os choros de Madanela
e à asninha de Belém,
que o veja ir à vela
pera donde nunca vem.

DINIZ LOURENÇO
Compadre, no mais sofrer:
sai de lá desse silvado.

AMÂNCIO VAZ

Pera eu ser arrepelado.

Não havia eu mais mister.

DINIZ LOURENÇO

E não n'hás tu de vender?

AMÂNCIO VAZ

Tu dizes que a quéis feirar.

DINIZ LOURENÇO

Não que ela se me tomar

leixar-me-á quando quiser.

Mas demo-las à má estreia;

e voto que nos tornemos,

e er depois tornaremos

com as cachopas da aldeia:

entonces concertaremos.

AMÂNCIO VAZ

Isso me parece a mi

muito melhor que eu ir lá.

Oh, que couces que me dá,

quando me colhe sob si!

DINIZ LOURENÇO

Quanto àquela si dará.

DIABO

Mulheres, vós que quereis?

Nesta feira que buscais?

MARTA DIAS

Queremo-la ver, no mais.

Pera ver em que tratais,

e as cousas que vendeis.

Tendes vós aqui anéis?

DIABO

Quejandos? De que feição?

MARTA DIAS

Duns que fazem de latão.

DIABO

Pera as mãos, ou pera os pés?

MARTA DIAS

Não! Jesu, nome de Jesu,
Deus e homem verdadeiro!

(Foge o Diabo e Marta Dias diz)

MARTA DIAS

Nunca eu vi bofalinheiro
tão prestes tomar o mu.
Branc'Anes mana, crê tu
que, como Jesu é Jesu,
era este o Diabo inteiro.

BRANCA ANES

Não é ele pau de boa lenha,
nem lenha de bom madeiro.

MARTA DIAS

Bofá, nunca que ele cá venha.

BRANCA ANES

Viagem de João Moleiro,
que foi pola cal de azenha.

MARTA DIAS

Pasmada estou eu de Deus
fazer o Demo marchante!
Mana, daqui por diante
não caminhemos nós sós.

BRANCA ANES

Se eu soubera quem ele era,
fizera-lhe bom partido:
que me levara o marido,
e quanto tenho lhe dera,
e o toucado e o vestido.

Inda que mais não levara
desta feira, em extremo.
Me alegrara e descansara,
se o vira levar o Demo,
e que nunca mais tornara.

Porque, inda que era Diabo,
fizera serviço a Deus,
e a mi mercê em cabo;
E viera-me dos céus,
como vem a frol ao nabo.

(Vão-se ao Tempo e diz Marta Dias)

MARTA DIAS

Dizei, senhores de bem,
nesta tenda, que vendeis?

SERAFIM

Esta tenda tudo tem;
vede vós o que quereis,
que tudo se fará bem.
Consciência quereis comprar,
de que vistais vossa alma?

MARTA DIAS

Tendes sombreiros de palma
muito bons pera segar,
e tapados pera a calma?

SERAFIM

Consciência digo eu,
que vos leve ao Paraíso.

BRANCA ANES

Não sabemos nós que é isso:
dai-o ó decho por seu,
que já não é tempo disso.

MARTA DIAS

Tendes vós aqui burel,
do pardo de lã meirinha?

BRANCA ANES

Eu queria uma pucarinha
pequenina pera mel.

SERAFIM

Esta feira é chamada
das virtudes em seus tratos.

MARTA DIAS

Das virtudes! E há aqui patos?

BRANCA ANES

Quereis feirar a cevada
quatro pares de sapatos?

SERAFIM

Oh, piedoso Deus eterno!
Não comprareis pera os céus
um pouco de amor de Deus

que vos livre do Inferno?
BRANCA ANES
Isso é falar per pincéus.

SERAFIM
Esta feira não se fez
para as cousas que quereis.

BRANCA ANES
Pois quanto a essas que vendeis,
daqui afirmo outra vez
que nunca as vendereis.

Porque neste sigro em fundo
todos somos negligentes:
foi ar que deu polas gentes,
foi ar que deu polo mundo,
de que as almas são doentes.

E se hão de correger
quando for todo danado:
muito cedo se há de ver,
que já ele não pode ser
mais torto nem aleijado.

Vamo-nos, Marta, à carreira,
que as moças do lugar
virão cá fazer a feira,
que estes não sabem ganhar,
nem têm cousa que homem queira.

MARTA DIAS
Eu não vejo aqui cantar,
nem gaita, nem tamboril,
e outros folgares mil,
que nas feiras soem de estar.

E mais feira de Natal,
e mais de Nossa Senhora,
e estar todo Portugal.

BRANCA ALVES

Se eu soubera que era tal,
não estivera eu cá agora.

(Vêm à feira nove moças dos montes, e três mancebos, todas com cestos nas cabeças, cobertos, cantando. E, como chegam, se assentam por ordem a vender; e diz-lhe o Serafim)

SERAFIM

Pois vindes vender à feira,
sabei que é feira dos céus;
por tal, vendei de maneira
que não ofendais a Deus,
roubando a gente estrangeira.

TESAURA

Responde-lhe, Leonarda,
tu Justina, ou Juliana.

JULIANA

Mas responda-lhe Giralda,
Tesauro, ou Merenciana.

MERENCIANA

Responde-lhe, Teodora,
porque creio que a ti creia.

TESAURA

Responda-lhe Doroteia.
pois que mora,
junto com Juiz da aldeia.

DOROTEIA

Moneca responderá
que falou já com senhor.

MONECA

Responde-lhe tu, Nabor,
contigo se entenderá.

Ou Denísio, ou Gilberto,
qualquer de vós outros três
e não vos embarceis
nem torveis, porque é certo
que bem vos entenderéis.

GILBERTO

Estas cachopas não vêm
À feira nego a folgar,
e trazem de merendar
nestes cestos que i têm.

Mas pois quanto ao que entendo,
sois, samica, anjo de Deus;
quando partistes dos céus,
que ficava Ele fazendo?

SERAFIM

Ficava vendo o seu gado.

GILBERTO

Santa Maria! Gado há lá?
Oh, Jesu! como o terá
o Senhor gordo e guardado!
E há lá boas ladeiras,
como na serra de Estrela?

SERAFIM

Si.

GILBERTO

E a VIRGEM que faz ela?

SERAFIM

A VIRGEM olha as cordeiras,
e as cordeiras a ela.

GILBERTO

E os Santos de saúde
todos, a Deus louvores?

SERAFIM

Si.

GILBERTO

E que léguas haverá
daqui à porta do Paraíso,
onde São Pedro está?

NABOR

Lá vêm ó redor das vinhas
compradores a comprar
samica ovos e galinhas.

DOROTEIA

Não lhe hei de vender as minhas,
que as trago pera dar.

*(Vêm dous compradores, um per nome Vicente e outro Mateus, e diz
Mateus a Justina)*

MATEUS

Vós rosa do amarelo,
mana, tendes i queijadas.

JUSTINA

Tenho vosso avô marmelo!
Conhecei-lo?

MATEUS
Aqui estão emborilhadas.

JUSTINA
Estade má-hora quedo,
pela vossa negra vida.

MATEUS
Menina, não hajais medo:
vós sois mais engrandecida
que Branca de Figueiredo.

Se trazeis ovos, meus olhos,
não mos vendais a ninguém.

JUSTINA
Andar em burra e ter bem:
ouvide ora o rasca-piolhos
(azeite no micho!) em que vem!

VICENTE
Minha vida, Leonarda,
traz caça pera vender?

LEONARDA
Vossa vida negra e parda
não lhe abastará comer
da vaca com da mostarda?

VICENTE
E a mesa de meu senhor
irá sem ave de pena?

LEONARDA

Quem? E vós sois comprador?
Pois nem grande nem pequena
não matou o caçador.

VICENTE
Matais-me vós logo bem
com dous olhinhos que eu digo.

LEONARDA
Mais vos mata a vós o trigo,
porque não vale a vintém,
e traz mau miço consigo.

VICENTE
Vós fazeis de mi rascão.

LEONARDA
Pação vos fizestes vós;
porém bem nos vimos nós
guardar bois no Alqueidão.

MATEUS
Que vindes vender à feira,
Teodora, alma minha?
minha alma, minha canseira?
Trazei alguma galinha?

TEODORA
São vossa alma galinheira.
Que má-hora cá viestes
pera quem vos pôs no paço!

MATEUS
Senhora, eu vos faço,
que vos agastais tão prestes?

Dizei-me vós, Teodora,

trazeis vós tal cousa e tal
deste jeito, muito embora?
Mas lá dessoutro metal
não falam à lavradora.

VICENTE

Senhora Moneca, trazeis
algum cabrito recente?

MONECA

Não bofé, Senhor Vicente:
quisera ora trazer três,
de que vós fôreis contente.

VICENTE

Juro à Santa Cruz de palha
que hei de ver o que aqui está.

MONECA

Não revolvais aramá,
que não trago nemigalha.

VICENTE

Não me façais descortês,
nem queirais ser tão garrida.

MONECA

Pola vossa negra vida!
Olhade como é cortês !
Oh, que lhe saia má saída.

MATEUS

Giralda, eu achar-vos-ei
dous pares de passarinhos?

GIRALDA

Irei por eles aos ninhos,

entonces os venderei.
Comereis vós estorninhos?

MATEUS
Respondeis como mulher
muito de sua vontade.

GIRALDA
Pois digo-vo-la verdade:
pássaros hei de vender?
Olhai aquela piedade!

VICENTE
Senhora minha Juliana
peço-vos que me faleis
discreta palenciana,
e dizei-me que vendeis.

JULIANA
Vendo favas de Viana.

VICENTE
Tendes alguns laparinhos?

JULIANA
Sim, de porca.

VICENTE
Nem coelhos?

JULIANA
Quereis comprar dous francelhos,
pera caçardes ratinhos?

JULIANA
Quero, polos Evangelhos!

MATEUS

Vós, Tesaura, minha estrela,
não viríeis cá em vão.

TESAURA

Pois si, vossa estrela vos era ela:
como aquilo é de rascão!

MATEUS

Mas como isso é de donzela!
Porém vá já como vai,
E casemo-nos, senhora.

TESAURA

Pois casai com ele, casai,
Casar, ma ora, meu
ai, casar, má hora.

MATEUS

Porém trazeis algum pato?

TESAURA

E quanto dareis por ele?
Hui, e ele revolve o fato:
olho mau se meta nele.

MATEUS

Não trazeis vós o que eu cato.

VICENTE

Merenciana deve ter
neste cesto algum cabrito.

MERENCIANA

Não me haveis de revolver
senão, pardeus, que dê grito
tamanho, que haveis de ver.

VICENTE

Eu hei de ver que trazeis.

MERENCIANA

Se vós no cesto bulis...

VICENTE

Senhora, que me fareis?

MERENCIANA

Um aqui del-rei, ouvis?

Não sejais vós descortês.

VICENTE

Não quero senão amores,
pois vosso, senhora, sou.

MERENCIANA

Amores de vosso avô,
o da ilha dos Açores.
Andar aramá vós só.

MATEUS

Vamo-nos daqui, Vicente.

VICENTE

Bofá vamos.

VICENTE

Vamos comprar à Ribeira,
que anda lá cousa mais quente.

(Vão-se os compradores, e diz o Serafim às moças)

SERAFIM

Vós outras quereis comprar
das virtudes?

Senhor, não.

SERAFIM

Saibamos por que razão.

DOROTEIA

Porque no nosso lugar
não dão por virtudes pão.

Nem casar não vejo eu
por virtudes a ninguém.
Quem tiver muito de seu,
e tão bons olhos como eu
sem isso casará bem.

SERAFIM

Pois porque viestes ora
cansar à feira de pé?

TEODORA

Porque nos dizem que é
feira de Nossa Senhora:
e vedes aqui porquê.

E as graças que dizeis
que tendes aqui na praça,
se vós outros as vendeis,
a Virgem as dá de graça
aos bons, como sabeis.

E porque a graça e alegria,
a madre da consolação
deu ao mundo neste dia,
nós vimos com devoção
a cantar-lhe uma folia.

E pois que já descansamos
assi em boa maneira,

moças, assi como estamos,
demos fim a esta feira,
primeiro que nos partamos.

*(Alevantam-se todas, e ordenadas em folia cantaram a cantiga seguinte,
com que se despediram)*

PRIMEIRO CORO

“Blanca estais colorada,
Virgem sagrada.

Em Belém vila do amor
da rosa nasceu a flor:
Virgem sagrada.”

SEGUNDO CORO

“Em Belém vila do amor
nasceu a rosa do rosal:
Virgem sagrada.”

PRIMEIRO CORO

“Da rosa nasceu a flor:
pera nosso Salvador:
Virgem sagrada.”

SEGUNDO CORO

“Nasceu a rosa do rosal,
Deus e homem natural:
Virgem sagrada.”



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com